

ACISO — ARMA BÁSICA DO ARSENAL PSICOLÓGICO

Cap. Inf.

ATHOS EICHLER CARDOSO

Alguns meses atrás, um caminhão do Exército estacionou num povoado chamado Rosariana, próximo ao Rio Maranhão, no norte de Goiás. Não é comum viagens em Rosariana, meia dúzia de casas-plantadas, aparentemente a contragosto, numa chapada recoberta de pedras, onde quatro árvores esqueléticas, do cerrado que a circunda conseguiram sobreviver. Dos três oficiais que saltaram da viatura, dois deles vestem vestias brancas do serviço de saúde, agora não tão alvas devido à poeira avermelhada. Há quatro horas — que viajam, aos trancos, por uma estrada em que várias vezes é preciso parar e descer para orientar o motorista na passagem de pontilhões que mal dão passagem aos pneumáticos.

O motorista, um cabo enfermeiro, e outro auxiliar descarregam uma cadeira de dentista portátil e um caixote de medicamentos, transportando-os para uma edificação próxima, de adobe e — pintada de cal — a escola — que é também igreja, aos domingos. Ao lado do tóscico altar que faz às vezes de mesa da professora, o dentista instala o seu aparelho de esterilização a fogo, enquanto o médico, do outro la-

do da sala, improvisa um consultório — com alguns bancos e uma mesinha emprestada por moradores do local. Um soldado relaciona numa ordem de prioridade, o nome e a idade de várias pessoas que já se encontram no interior e fora do recinto.

O dentista senta o primeiro cliente na cadeira, ao mesmo tempo que enxota alguns cães que farejam no interior do aposento. A reclamação é feita com comentários espirituosos e a tensão de alguns populares diminui através do sorriso espontâneo que mostram nos rostos curtidos.

O médico atende à primeira consulente, fornecendo vitaminas e conselhos para a criança de meses que traz nos braços.

É a primeira vez que Rosariana recebe a visita de um médico ou dentista.

Do lado externo, um oficial de arma, agachado junto à casa, palestra com dois habitantes da região, colhendo informes sobre o problema de terras, exploração de minério e educação. Daqui a pouco, dividirá com um dos seus interlocutores — um velho, cuja montaria, uma mula, escapou deixando-o a pé em Rosariana — a sua frugal "ração fria" — pedaço de pão

com queijo e salame e algumas laranjas.

Eis a visão rápida de uma das facetas de ACISO, das muitas que a 11.ª RM, a exemplo das grandes divisões militares do Brasil, vêm realizando na sua área, que compreende Brasília, o Estado de Goiás e o Triângulo Mineiro.

A Ação Cívico-Social é a nova arma do arsenal psicológico do Exército e, mais do que isto, uma necessidade e um ato de solidariedade humana que todos os seus participantes, desde o general até o soldado recruta se orgulham de realizar. Nestes curtos entrechoques contra a doença, a miséria e a ignorância, os inseticidas substituem os gases de combate, cada ampóla de medicamento, um cartucho, o estetoscópio equipara-se ao radar, e a agulha hipodérmica vale mais do que a baloneta.

A ACISO, é qualquer ação realizada pela tropa utilizando — mão-de-obra, técnicos e material do Exército, em cooperação ou não com entidades civis, autoridades ou grupos, e que visa a melhorar as condições sanitárias, económicas ou sociais de um aglomerado humano.

Para a cidade, os benefícios e a dinamização que a ACISO traz consigo, ocasionam verdadeira festa. As escolhidas são geralmente pequenos núcleos populacionais economicamente pobres com cerca de 3.000 habitantes e desprovida de assistência médica. Mas, não é só no setor de saúde que o Exército age com a sua ACISO que, variando em quantidade e meios materiais, comportará elementos especiali-

zados — carpinteiros, marceneiros, pintores, electricistas, e pedreiros que podem reformar o prédio de uma escola, manufaturar quadros negros e carteiras escolares, ou revestir em tijolos um poço de água potável.

Um gerador eléctrico traz para a população a oportunidade de assistir pela primeira vez filmes cinematográficos, a maioria instrutivos, sobre hábitos de higiene, técnicas de agricultura e mesmo entretenimentos. A tela, geralmente é a parede branca da igreja, local que transforma a praça principal numa vasta sala de espetáculos ao ar livre.

Um conjunto musical improvisado, mas nem por isso dissonante, composto de soldados com pendoros artísticos realizará pequenos espetáculos nos estabelecimentos de ensino, entre-meando ensinamentos cívicos com números de música jovem. É interessante ressaltar que em cidades sem energia eléctrica e onde o povo toma contacto com a música através de rádios de pilha, a garotada e a juventude conhece na ponta da língua o último sucesso musical de um ídolo popular qualquer.

No último dia na cidade — a ação pode se realizar durante três ou cinco dias — como coroamento às festividades que durante o dia incluíram desfile da tropa, doação de livros e bandeiras nacionais às escolas públicas, além de disputas esportivas entre civis e militares, geralmente é realizado à noite um baile popular. É rara a ACISO que não tenha como saldo imediato a salvação de uma vida humana. Tal se deu, por exemplo, em Niquelândia, municí-

pio que aguarda sua redenção econômica com o funcionamento da central elétrica em construção, que trará com a energia, o impulso ao progresso da sede de um dos municípios mais pródigos em minério do país. Ali um habitante da região, acometido de desidratação causada por intoxicação alimentar e com o estado físico agravado por uma insuficiência cardíaca, esteve quase à morte, salvando-se unicamente pela presença da equipe médica da ACISO, que lhe prestou assistência durante toda uma noite. Havendo necessidade de emprego de um medicamento existente na farmácia local, que se encontrava fechada pela ausência de seu proprietário, a mesma, após consentimento da autoridade competente, foi arrombada e o medicamento utilizado no doente.

Uma das grandes vantagens da ACISO é que coloca os seus componentes frente a frente com os problemas da população do interior da área com a constância de toda parte — a miséria — e, o que lhe é sempre proporcional — a esperança — a mesma que a todos empolga e desafia.

Eram quase 21 horas quando o jipe que transportava dois oficiais de regresso a Brasília, centenas de quilômetros de distância, cruzou por um casebre de sapé à beira da estrada. Detendo a viatura para aguardar o restante do comboio da

ACISO que se atrasara, um dos militares ficou emocionado e ao mesmo tempo entusiasmado pelo que viu: ao lado do caminho poeirento, tendo como mesa uma tábua atravessada sobre uma valeta em cuja borda sentavam, três crianças debruçavam-se sobre uma única cartilha. As idades delas variavam de oito a onze anos e seus cabelos revoltos roçavam perigosamente junto a chama de uma lamparina improvisada com um vidro de remédio. Em conversa com o pal das crianças, o lavrador informou-me que a mais velha, um menino de onze anos, havia, durante o dia, ajudado a transportar a braço, mais de mil folhas de palmeiras anãs para a nova casa que estavam construindo. A vontade de progredir, o grande tônus da arrancada para o desenvolvimento mostrava-se assim, com toda a sua força humana, perante o oficial, que confessou mais uma vez ter se sentido feliz pela missão que lhe permitiu testemunhar aquela cena.

Para os que não tecem críticas ao ACISO pelo seu caráter esporádico, a frase de um tenente dentista, já com várias ACISO, esmaga qualquer argumento contrário que, porventura se levante: — "Já que não se pode fazer tudo que se deve, devemos fazer tudo o que se pode".

E se está fazendo.